

# **A RELAÇÃO CONFLITIVA ENTRE A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA FORMA E A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL**

Orlando Eduardo Capellão Martins<sup>1</sup>

## **RESUMO**

A educação teológica formal foi alvo de muitas críticas durante a história das Assembleias de Deus e por meio desta pesquisa procurar-se-á analisar a relação conflitiva entre a educação teológica formal e a experiência religiosa representada no contexto das Assembleias de Deus no Brasil. A costumeira postura de resistência à educação teológica formal foi fruto do anti-intelectualismo, marca do reavivamento, o que criou um dualismo entre a educação teológica formal e a experiência religiosa, a razão e o sentimento. Justifica-se a pesquisa deste tema pelo fato de que, mesmo tendo havido avanços no que diz respeito ao reconhecimento da importância da educação teológica no seio do pentecostalismo, todavia muitos líderes preferem a teologia devocional em detrimento de uma teologia acadêmica de reflexão aprofundada. Teve-se como resultado mais expressivo do conjunto de pesquisas documental e bibliográfica, a confirmação do conflito que houve entre a missão sueca, contrária à fundação de institutos bíblicos e a missão americana, que apoiava a fundação destes institutos.

**Palavras-Chave:** Educação teológica formal. Experiência religiosa. História do Pentecostalismo. Razão e emoção.

## **ABSTRACT**

The work Formal theological education was the target of many criticisms throughout the history of the Assemblies of God and through this research we will seek to analyze the conflictive relation between formal theological education and the religious experience represented in the context of the Assemblies of God in Brazil. The customary posture of resistance to formal theological education was the fruit of anti-intellectualism, a mark of revivalism, which created a dualism between formal theological education and the religious experience, reason and

---

<sup>1</sup>Vice-presidente da AD Mais de Cristo em Florianópolis, Pastor-Auxiliar, Bacharel em Teologia e Jornalismo. Especialista em Educação, Mestre em Teologia na EST. Escritor, Diretor da Faculdade Mais de Cristo. Professor universitário e de matérias teológicas em seminários e faculdades no estado de Santa Catarina.

feeling. Research of this theme is justified by the fact that, even though there have been advances as to the recognition of the importance of theological education in the bosom of Pentecostalism, there are still many leaders who prefer the devotional theology in detriment of an academic theology with deeper reflection. As a more expressive result of the set of documental and bibliographic research was the confirmation of the conflict that occurred between the Swedish mission, against the foundation of Biblical institutes and the American mission which approved the foundation of these institutes.

**Key-words:** Formal theological education. Religious experience. History of Pentecostalism. Reason and emotion.

## INTRODUÇÃO

Pretende-se, com este artigo, analisar como se deu a mudança de postura da liderança das Assembleias de Deus no Brasil: de objeção ao ensino formal até sua superação, na medida em que se passou a aceitá-lo e até recomendá-lo como necessário à formação de seus obreiros.

No Brasil, as Assembleias de Deus nasceram, cresceram, consolidaram-se e tornaram-se uma denominação majoritária.<sup>2</sup> Isto sem a implantação e implementação de uma educação formal<sup>3</sup>, visto que os primeiros missionários pentecostais suecos consideravam o ensino teológico como algo desnecessário e sem importância. Já que o que realmente tinha importância era o carisma<sup>4</sup> e não à educação teológica, que eles pejorativamente chamavam de “fábrica de pastores”.<sup>5</sup> No entanto nas últimas décadas por influência da missão americana, as ADs abriram-se ao conhecimento teológico e atualmente a Educação Teológica é incentivada dentro das Assembleias de Deus.

---

<sup>2</sup> ALENCAR, Gedeon Freire de. *Matriz pentecostal brasileira: Assembleias de Deus 1911-2011*. Rio de Janeiro: Diálogos, 2013. p. 109.

<sup>3</sup> ALENCAR, 2013, p. 109.

<sup>4</sup> Carisma: “dom da graça”. Dentro da cultura pentecostal, é o termo que representa os cristãos que creem nos chamados dons do Espírito Santo, ou seja, o carismático, que de acordo com Isael Araújo: “Termo genérico usado para descrever os cristãos que creem que manifestações do Espírito Santo operadas na igreja cristã do primeiro século tais como curas, milagres, profecia e glossolalia (falar em outras línguas ou idiomas), estão disponíveis aos crentes contemporâneos e devem ser experimentados”. ARAUJO, Isael de. *Dicionário do Movimento Pentecostal*. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 2014. p. 155.

<sup>5</sup> Fábrica de pastores: Alguns missionários suecos chamavam o IBAD de fábrica de pastores, por causa da origem do nome Pindamonhangaba que significa “Fábrica de anzóis”, e como o Instituto Bíblico está situado nesta cidade, logo, os pastores apelidaram o IBAD de “Fábrica de pastores”. *O ESPÍRITO em movimento na Assembleia de Deus*. Joinville: Editora REFIDIM, 2013, p. 72.

## **1 COMO QUE A EDUCAÇÃO TEOLÓGICA FORMAL CRESCEU NAS ASSEMBLEIAS DE DEUS?**

Fundada pelos missionários Gunnar Vingren e Daniel Berg em 18 de junho de 1911 na cidade de Belém, capital do Estado do Pará, foi chamada primeiramente de Missão da Fé Apostólica, sendo que somente em 1918 o nome da igreja foi alterado para Assembleia de Deus, que, nos EUA, foi fundada em 1914. Primeiramente, Gunnar Vingren e Daniel Berg congregaram na primeira Igreja Batista de Belém, mas, por enfatizarem a experiência pentecostal foram incompreendidos e saíram dessa igreja, dando início ao maior movimento de renovação da história do País.

### **1.1 A Missão Sueca e as Primeiras Quatro décadas do Movimento Pentecostal no Brasil**

Nas primeiras quatro décadas, as ADs solo brasileiro foram comandadas, não somente por seus fundadores, mas por pastores suecos, enviados pela missão daquele país, que, naquele momento, enfrentava dificuldades financeiras. Fato que incentivou a imigração sueca para os EUA a partir de 1870. É nesse contexto que muitos missionários vieram para a América do Norte. Destarte, como consequência do Movimento Pentecostal da Rua Azusa, os missionários suecos, apoiados pela missão de seu país, chegaram ao Brasil, em especial à Região Norte, e legitimou suas ações, sob uma perspectiva sueco-nordestina, sendo comandada pelos suecos, mas crescendo em solo nortista, principalmente no Nordeste (mesmo que na década de 1930 já houvesse ADs no eixo Rio-São Paulo).

Freston (1993, p. 23) faz também importante análise acerca da implantação do movimento por parte da missão sueca:

[...] a AD foi produto do esforço missionário de um grupo pequeno e marginalizado de um país ainda relativamente pobre. Os missionários não tiveram condições de inundar a igreja com dinheiro, criando instituições poderosas que permanecessem nas suas próprias mãos ou que se tornassem palco de brigas internas. Forçosamente, suas vidas pessoais foram marcadas pela simplicidade, um exemplo que ajudou a primeira geração de líderes brasileiros a ligar pouco para a ascensão econômica. Assim o ethos da AD evitou um aburguesamento precoce que antecipasse as condições oferecidas pela própria sociedade brasileira aos membros da igreja.

Os primeiros missionários suecos rejeitavam a educação formal, sendo que nas primeiras quatro décadas não houve incentivo a implantação da educação teológica, entretanto, os missionários suecos eram bíblicos (ênfase no conhecimento da palavra escrita mais do que inspiração direta), mas, por acharem que o muito estudar poderia sufocar a espiritualidade, não investiram em cursos de longa duração.

Chegaram, em meados dos anos 1950, os primeiros missionários americanos, os quais tinham grande apreço pela educação teológica formal, diferentemente dos suecos, que não muniam interesse pela educação teológica formal e preferiam investir em EBO, com duração de no máximo 15 dias, em que se abordava as doutrinas de modo bastante simples e prático.

Paul Freston (1993, p. 23) observa que:

Os suecos eram contra qualquer seminário, porque eles acreditavam que não havia necessidade de erudição para o pastorado, visto que eles conheciam uma igreja protestante oficial – a luterana – que era muito erudita, mas que na ótica deles havia traído o evangelho, havia se mesclado com a alta cultura e vendido seu compromisso com o Evangelho.

Com esse discurso, os missionários suecos desaconselhavam e praticamente proibiam qualquer obreiro ou membro que demonstrasse interesse nos estudos de teologia, pois eles tinham medo de que as ADs se tornassem uma igreja formal, dominada pelo liberalismo teológico, tendo como base o academicismo, que, de acordo com os primeiros pentecostais, levaram algumas igrejas históricas a secularizar-se.

De acordo com Pommerening (2013, p. 66.):

O apego à teoria de que não era necessário estudar sempre fez parte da maioria dos movimentos pentecostais, bem como em alguns casos, também dos movimentos sensacionalistas que apelavam mais à emotividade, surgidos nos séculos XVIII e XIX, ideia está geralmente difundida por seus líderes, pois se acreditava que o estudo extinguiria o agir do Espírito. Tais líderes influenciaram o pensamento pentecostal sobre a não importância dos estudos e levaram a um anti-intelectualíssimo.

Tais pastores diziam que a revelação experiencial — e não a revelação por meio do estudo equilibrado das Escrituras — era o que importava (GERMANO, 2013). Entretanto, esse discurso perdeu fôlego ao longo dos anos, pois a falta de cursos formais em teologia acarretava uma série de dificuldades hermenêuticas. Com base nisso, pode-se dizer que houve muita dificuldade para a implantação de um corpo doutrinal consistente, isso nas primeiras décadas do Movimento Pentecostal, pois havia um biblicismo exacerbado, no qual cada pessoa interpretava a Palavra a seu modo.

## ***1.2 Usos e costumes<sup>6</sup>: a Manutenção da Doutrina<sup>7</sup> Assembleiana***

Nas primeiras quatro décadas do Movimento Pentecostal, por falta de uma hermenêutica clara e de uma teologia profunda, confundiu-se costumes com doutrinas, que, em suma, só aumentava as controvérsias e dissidências, de maneira que surgiam com base nisso, chegando

---

<sup>6</sup> Compreende-se por **costumes** conjunto de hábitos, normas e dogmas, e por **doutrina**.

<sup>7</sup> Compreende-se por **doutrina** ensino extraído das escrituras.

muitos deles a confundir doutrina bíblica com usos e costumes, o que provocou controvérsias e embates entre os pastores assembleianos, em especial nas convenções, pois com a fundação da Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGADB), as convenções de ministros assembleianos passaram, a partir de 1930, a serem realizadas periodicamente. Nessas reuniões se debatiam, em pauta os principais temas em busca de uma unidade doutrinal e administrativa.

De acordo com Araújo (2015, p. 879) essas reuniões definiam a imagem do povo pentecostal nas primeiras décadas em solo brasileiro:

Os usos e costumes estiveram profundamente arraigados à própria imagem que os pentecostais faziam de si mesmo e às representações estereotipadas, uniformizadoras, que a maioria dos brasileiros, ainda hoje mantem a respeito deles.

Por falta de uma teologia profunda, confundia-se claramente doutrina com costumes, e santidade com legalismo, sendo essa prática herança do Movimento Holiness (Santidade)<sup>8</sup>, movimento de origem britânica e que enfatizava demasiadamente a busca pela santidade e pela separação do mundo. O pentecostalismo<sup>9</sup> nasceu entre crentes pertencentes às denominações históricas e assim foi crescendo e desenvolvendo suas próprias crenças e dogmas, sendo estas influenciadas profundamente pelo Movimento de Santidade, do qual o próprio William Seymour fez parte até o fim de sua vida, mesmo sendo este o principal representante do Movimento da Rua Azusa, influenciando profundamente os missionários suecos que vieram para o Brasil (ALENCAR, 2011). De acordo com Araújo (2014), havia forte conotação para os usos e costumes entre os assembleianos e, entre alguns segmentos pentecostais, o rigor legalista e restrições ao vestuário, ao uso de bijuterias, aos produtos de beleza, ao corte de cabelo. Além dos diversos dogmas que permearam o contexto assembleiano nas primeiras décadas do movimento no País, mas que ainda hoje há igrejas que se mantêm presas a essa tradição. Como prova dessa influência, basta analisar as palavras do presidente da CGADB, numa entrevista concedida no ano de 2011, numa referência ao candidato oponente, visando à reeleição: “Nós temos influência dos suecos, temos doutrina firme. Nosso objetivo é salvação e edificação. O deles é baseado nos americanos. Eles se amoldam a determinados costumes que não nos adaptamos.” (Apud POMMERENING, 2008, p. 71).

---

<sup>8</sup> **O Movimento Holiness (Santidade)** é um movimento religioso iniciado entre os séculos 18 e 19, e que visa promover um cristianismo devocional e que enfatize a santificação total como uma segunda obra da graça, recebida mediante a fé e realizada através do batismo e do poder do Espírito Santo.

<sup>9</sup> **Pentecostalismo:** movimento religioso que nasceu no início do século 20, e que deu origem às Assembleias de Deus e que enfatiza o batismo com o Espírito Santo, o dom de línguas, a santificação e a contemporaneidade dos dons espirituais, sendo que, em seu nascedouro, as igrejas pentecostais enfatizavam os costumes e dogmas denominacionais, no entanto, atualmente, enfatizam mais o ensino e o conhecimento teológico.

Portanto, com o passar do tempo houve a necessidade da criação de uma declaração de fé, pois, por falta de exposição clara das crenças, houve algumas divisões no Nordeste e, a partir da convenção de 1930, começou a se organizar o modelo doutrinário e administrativo das Assembleias de Deus (BRUNELLI, 2016).

### ***1.3 A Formação da Identidade Pentecostal no Brasil***

No Brasil, o pentecostalismo “nasceu”, difundiu-se, consolidou-se e tornou-se hegemônico, sem a necessidade da educação formal, pois os primeiros missionários pentecostais consideravam o ensino teológico desnecessário. Para eles, o que realmente importava era o carisma.

As Assembleias de Deus, em seu início, não atribuíam valor à educação teológica, que eles pejorativamente denominavam Fábrica de Pastores. Mesmo sendo fundada no Brasil em 1911, somente na década de 1980 que o conhecimento teológico foi considerado requisito para a ordenação de um pastor. Ao longo de seus primeiros anos fundação, as ADs não tiveram institutos bíblicos, seminários ou faculdades. E não sentiram falta deles, como expressado por meio do Mensageiro da Paz, órgão oficial da CGADB.

O melhor seminário para o pregador é o de “joelhos” perante a face do Senhor. Ali o Espírito Santo nos transmite os mais belos e poderosos sermões. Aleluia! São Pedro não foi formado por nenhum seminário. (Mensageiro da Paz, 15/09/1931, in GOMES, 2013, p. 86).

Nas ADs (entre 1910 e 1940) imperava a orientação doutrinária dos primeiros missionários suecos. Em suas primeiras décadas, a voz da teologia assembleiana era legitimada por meio dos artigos escritos nos jornais *Boa Semente*, *Som Alegre* e *Mensageiro da Paz*, e nas lições de Escola Bíblica (todas praticamente comentadas pelos missionários suecos). Destacaram-se, nesse período, os seguintes pastores: Gunnar Vingren, Samuel Nystron, Nils Kastberg, Otto Nelson, Nels Nelson e Joel Carson (ARAUJO, 2013).

### ***1.4 A Escola Dominical e a Manutenção Doutrinária da Igreja***

Por meio dos periódicos, as ADs perpetuavam suas doutrinas e crenças. Porém, como relata Brunelli (2016), a revista de Escola Dominical é, sem dúvida, o órgão de maior excelência na formação e manutenção doutrinária da igreja. A cada três meses, os alunos estudavam temas específicos, sendo a revista de EBD a responsável pela unidade teológica da igreja. Nessas

revistas, enfatizava-se a doutrina do batismo com o Espírito Santo, as doutrinas pentecostais e as verdades cardeais da fé cristã. Por mais que houvesse muito legalismo entre os pentecostais, esse tipo de ensino era mais enfatizado nos cultos, sendo que na EBD ensinavam-se as doutrinas bíblicas, mas com um olhar pentecostal — o que legitimou a expansão das verdades do pentecostalismo.

Ao longo dos primeiros anos de fundação da igreja, surge também o nome de Lars Erik Bergstén, mais conhecido como irmão Eurico Bergsten, pois com o retorno de Samuel Nystron para Suécia, Eurico Bergsten passa a se destacar como o maior expositor das verdades pentecostais, sendo considerado aquele que exerce maior influência na formação da teologia pentecostal. Ao longo de mais de quatro décadas servindo a igreja brasileira, o missionário Eurico Bergsten escreveu mais de 30 revistas de Escola Dominical, todas abordando as principais doutrinas bíblicas defendidas pelo chamado pentecostalismo clássico (ARAÚJO,2013). Portanto, embora nas primeiras décadas as ADs não tenham priorizado a educação teológica formal, não significa que tenham descuidado com o estudo das doutrinas cristãs, que eram defendidas por meio dos periódicos pentecostais, em especial através das lições de EBD.

## **2 O Ensino Bíblico e a Rejeição Contra a Educação Teológica Formal**

Por mais que houvesse resistência ao ensino teológico formal nas ADs, não houve aversão ao ensino da Bíblia. Pois, mesmo sem a devida profundidade, desde o início da história da denominação houvera EBD e EBO, ainda que fossem cursos ou aulas práticas e sem tanta profundidade. Sendo essa uma opção da missão sueca, até porque em seu início a liderança brasileira era majoritariamente formada por pastores suecos e estes julgavam desnecessário o conhecimento teológico formal.

Segundo Gedeon Alencar (2013, p. 75-77): “Os fundadores da AD não almejavam uma igreja burocratizada, senão carismática, marca desses missionários que fundaram um movimento e não uma denominação.” Por pensarem que as teologias institucionalizadas tornariam as igrejas pentecostais desfervoras em relação a sua comunhão com o Espírito Santo (iguais às igrejas históricas), cumpre lembrar que a convenção de 1948 (quando se debateu a proposta de implantação de institutos bíblicos) também ilustra a tensão entre a educação teológica formal e a experiência religiosa nas ADs.

De acordo com Daniel (2004, p. 253):

O irmão Pires faz ver que a maioria dos irmãos são contrários aos cursos bíblicos por correspondência. Disse ainda que temos uma escola, a de Jesus, que não aprendeu, como outros, e foi provado na Igreja para o ministério. Mostrou a necessidade de ser chamado por Deus e consagrar-se ao Senhor, e não desprezar a graça que Deus tem dado a Igreja pelos ministérios.

Em artigo publicado em 1937, no jornal *Mensageiro da Paz*:

Os teólogos são espiritualmente secos [...] enquanto esses teóricos escavam e encontram papéis, o crente simples, nas suas escavações (de joelhos dobrados) encontra água viva, com abundância. Um acha a palavra que mata, outro o Espírito que vivifica (Mensageiro da Paz, 15/08/1937, in: GOMES, 2013, p. 88).

Tal opinião, expressa num artigo no principal jornal das ADs, demonstra como o anti-intelectualismo permeou o pensamento pentecostal brasileiro em seu início. Além desse, outro perigo é a falta de exegese, ou seja, a interpretação incoerente de uma passagem das Escrituras.

### **2.1 Educação teológica formal: uma ameaça à fé dos primeiros pentecostais**

Entre os pioneiros pentecostais havia o entendimento de que o estudo poderia sufocar a espiritualidade e, por isso, quase sempre afirmavam que a “Letra” matava, mas o Espírito, segundo os pentecostais que interpretam as Escrituras *ipsis litteris*, vivificaria a fé. De acordo com essa perspectiva, a “Letra” representa (va): o acúmulo de conhecimentos que caducava a vida devocional levando-a a morte. Deve-se expor ainda que o estudo acadêmico e teológico eram, em alguns contextos, demonizados através de uma retórica que se servia de passagens bíblicas, reinterpretadas com o intuito de desestimular e coagir os interessados pelos estudos teológicos. O ascetismo religioso foi o *leitmotiv* para a rejeição de qualquer forma de saber que colocasse entre aspas a simplicidade daquele evangelho descrito, segundo eles, pelas Santas Escrituras. No entanto, é preciso memorar que a geografia religiosa que albergou o pentecostalismo nos primeiros anos contribuiu para que os atores religiosos, isto é, líderes se apropriassem de clichês bíblicamente ressignificados, com aquela intencionalidade já mencionada de desautorizar aqueles indivíduos que apresentavam certo destaque nas questões religiosas de conhecimento teórico. As expressões eram do tipo “conhecimento até o diabo tem”, ou “o diabo e os demônios conhecem, mas não obedecem”.

### **2.2 A Chegada da Missão Americana**

Houve uma mudança de mentalidade nas ADs, com a chegada dos primeiros missionários americanos e, por conseguinte, com a implantação do primeiro instituto bíblico

pentecostal em solo brasileiro. No início, a AD (mantida pela missão sueca) era uma igreja rural, sediada no Norte e Nordeste e com profunda influência do catolicismo.

Ao longo das décadas, missionários americanos também começaram a vir para o Brasil, e estes, além de apoiar o conhecimento teológico, pois, diferentemente dos missionários suecos, eram, em sua maioria, formados em Teologia. Diferentemente dos pastores suecos, que viam a educação teológica formal como uma ameaça e, desta feita, investiram na formação dos obreiros por meio de Escolas Bíblicas, com temas objetivos e sem profundidade, mas que atendiam a algumas necessidades das igrejas locais.

### **2.3 As primeiras tentativas para a fundação do primeiro Instituto Bíblico**

De acordo com Pommerining, as primeiras tentativas para a implantação de um instituto bíblico em solo brasileiro foram realizadas no Estado de Santa Catarina, sob o esforço de John Peter Kolenda (conhecido como JP Kolenda). Inicialmente, o seminário seria instalado nas cidades de Brusque ou Joinville, mas essa tentativa acabou por ser frustrada pela rejeição veemente dos pastores catarinenses contra tal implantação. Para eles, essa instituição de ensino teológico formal fatalmente iria sufocar a espiritualidade desses pastores, o que foi materializado por meio de “sonhos espiritualizantes” (POMMERENING, 2013).

### **3 Da Objeção ao Reconhecimento à Fundação do IBAD**

Desde a fundação das Assembleias de Deus no Brasil houve uma tensão bastante conflitiva entre a educação teológica formal e a experiência religiosa nas ADs, pois, mesmo que a missão sueca apoiasse, por exemplo, a EBO e a Escola Dominical, os missionários suecos consideravam o estudo de teologia desnecessário, como relata o missionário sueco Walter Goodband, que disse que havia necessidade de crescer em sabedoria, mas que o “muito estudar é enfado da carne” (DANIEL, 2004). Tal opinião chega a ser controversa, pois mesmo que apoiasse o estudo na Escola Bíblica, a liderança assembleiana demonstrava total repúdio à educação teológica formal.

De acordo com Brenda (1984, p.19):

Pois temiam que o treinamento em institutos bíblicos, levasse os obreiros brasileiros a dependerem do seu conhecimento e capacidade intelectual, ao invés de confiarem unicamente na direção do Espírito Santo e na palavra de Deus.

Portanto, como cita Isael Araújo, para muitos líderes ao longo da história do Movimento Pentecostal: “O Conhecimento espiritual, quem dá é o Espírito Santo; quando se é ungido, muita cultura deixa o crente vaidoso” (ARAÚJO, 2007). O que por fim reflete a relação sempre

conflitiva entre o Espírito e a “Letra”, sendo esse o eixo principal e a questão central desta pesquisa, pois, ao estudar a história das ADs, observa-se que o pentecostalismo assembleiano percorreu caminho de um movimento religioso caracterizado pela educação e pelo modelo carismático, mas que, por meio da rotinização do carisma se burocratizou, sendo a educação teológica formal um dos símbolos desse processo (ALENCAR, 2013),

Portanto, com a fundação do IBAD em 1958, mais interesse pela educação teológica formal, e como fruto desse momento, começaram a surgir seminários e institutos bíblicos nas ADs.

### **3.1 Conflito nas Convenções Acerca dos Temas Teologia e Instituto Bíblico**

A educação teológica nas Assembleias de Deus é fruto do empenho e da coragem dos primeiros missionários americanos. E, com a fundação do IBAD em 1958, houve mais interesse pela educação teológica formal e, como efeito desse momento, começaram a surgir seminários e institutos bíblicos nas ADs.

Todavia, mesmo que já houvesse a pauta, desde a convenção de 1943, a fundação do primeiro instituto bíblico da denominação, o IBAD (GOMES, 2013), foi mais resultado de um trabalho pessoal em cooperação com os missionários americanos do que um trabalho institucional, da liderança assembleiana naquele momento, sendo esse tema amplamente discutido nas convenções a partir da década de 1940.

### **3.2 A influência Americana na Criação do Primeiro Instituto Bíblico**

Os missionários da AG (Missão Americana) J. P. Kolenda, N. Lawrence Olson, e Orlando Boyer, juntamente com alguns pastores brasileiros, foram os defensores da abertura oficial de institutos bíblicos pela AD, diante dos missionários suecos e pastores brasileiros, que acreditavam que os institutos bíblicos trariam formalismo e seriam fábricas de pastores, como relata Israel de Araújo (2014), o que reflete a superficialidade teológica na liderança pentecostal das primeiras décadas do pentecostalismo. Foi só a partir dos anos 1950 que os estudos bíblicos ganharam mais densidade e profundidade, sendo que a criação da Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), e a chegada de novos missionários americanos, também fortaleceram a ideia do conhecimento (GOMES, 2013) Sendo a criação de institutos bíblicos a consequência direta disso, pois os obreiros brasileiros precisavam se aprofundar mais no conhecimento bíblico, conforme Araújo (2014).

### **3.4 Heróis Anônimos: os Primeiros Alunos dos Institutos Bíblicos**

Na década de 1960 havia grande resistência ao ensino teológico. Muitos pastores que enviavam seus filhos para estudar teologia foram ameaçados de perder o pastorado, outros foram perseguidos, e os alunos, em especial, sofreram muita rejeição, alguns, inclusive, nunca foram aproveitados no ministério como obreiros, entretanto, foram esses heróis anônimos que legitimaram a educação teológica formal no contexto pentecostal.

Sobre esse tempo, o pastor e teólogo Paulo Cesar Lima relata ( in mensagem eletrônica: <pr.orlandomartins@gmail.com> em: 5 nov. 2016.):

Esta é uma longa história. Os suecos, os primeiros a chegarem ao Brasil, dedicavam-se às famigeradas Escolas Bíblicas e não gostavam de nada que envolvessem teologia. Eles formaram um bloco fechado, intransponível. Com a chegada de alguns missionários norte-americanos, que não eram bem-vindos pelos suecos, diga-se de passagem - a situação da educação teológica ficou totalmente polarizada.

## **4 Prejuízos que o posicionamento contrário e resistente à educação teológica formal causou às Assembleias de Deus no Brasil e ao Movimento Pentecostal**

São eles:

- ✓ Falta de profundidade bíblica e teológica;
- ✓ Tendência em elaborar doutrinas baseadas em experiências;
- ✓ Vulnerabilidade diante modismos teológicos;
- ✓ Falta de uniformidade doutrinária;
- ✓ Os primeiros missionários confundiram doutrinas com costumes humanos;
- ✓ A subjetividade na interpretação das Escrituras;
- ✓ A disseminação da ideia de que espiritualidade e intelectualidade, Espírito e estudo, simplicidade de vida e profundidade teológica não se combinam;
- ✓ Nenhum incentivo aos jovens para que estudassem, afinal, Jesus estava voltando.

Como se observa, toda posição extremada pode gerar o radicalismo e o legalismo — e isso pode acarretar muitos males. O equilíbrio bíblico-teológico sempre será o melhor caminho a seguir.

## **5 A Fundação do IBAD e a legitimação da criação de cursos e de faculdades de Teologia**

As doutrinas cardeais da fé pentecostal no Brasil foram sistematizadas através dos missionários americanos a partir da década de 1950 e 1960, pois estes já apresentavam sólida

fundamentação teológica, o que culminou na fundação do Instituto Bíblico das Assembleias de Deus no Brasil (IBAD).

Após a criação do IBAD, outros seminários e cursos teológicos foram fundados no Brasil: Instituto Bíblico Pentecostal (IBP) no Rio de Janeiro, Instituto Bíblico do Amazonas (IBADAM) em Manaus, Instituto Bíblico Esperança (IBE) em Porto Alegre. Estes são os primeiros de muitos que desde a década de 1970 têm sido fundado no País.

Inicialmente, os cursos teológicos eram de modalidade básica, e com duração de dois anos. Depois foram sendo abertos pelo País cursos médio e bacharel livre em Teologia, ao passo que, em 1973 a Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGADB) funda o Conselho de Educação e Cultura (CEC).

Portanto, a partir das décadas de 1970 e 1980 surgem muitos cursos e escolas teológicas, entre as quais, a Escola de Educação Teológica das Assembleias de Deus (EETAD), que propaga a educação teológica através de núcleos de cursos básico e médio pelo País. Já no ano de 2007, é fundada a Faculdade Evangélica de Tecnologia Ciências e Biotecnologia (FAECAD), sendo esta uma instituição aprovada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), o que serviu como base para várias faculdades assembleianas que hoje possuem o reconhecimento governamental.